

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO DOCENTE EM CIÊNCIAS NATURAIS**THE STUDY SUPERVISED IN TEACHER TRAINING IN NATURAL SCIENCES**

Jessica Campos¹; Renato Abreu Lima^{2*}

¹Discente do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade São Lucas, Porto Velho-RO; ²Docente do Curso de Ciências Biológicas da Faculdade São Lucas, Porto Velho-RO

*Autor correspondente: renatoabreu07@hotmail.com

Recebido: 09/12/2015; Aceito 08/06/2016

RESUMO

O estágio supervisionado é a fase da graduação que o aluno se insere na rotina da escola, acompanha a vivência de um professor, observa e pratica as metodologias já estudadas na graduação. Compreender o estágio curricular como um tempo destinado a um processo de ensino e de aprendizagem é reconhecer que, apesar da formação oferecida em sala de aula ser fundamental, só ela não é suficiente para formar e preparar os alunos para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se necessária a inserção na realidade do cotidiano escolar para aprender com a prática dos profissionais da docência. Com isso, este artigo aborda um relato de caso sobre o estágio supervisionado em Ciências Naturais. A metodologia de trabalho utilizada no presente artigo foi baseada no relato de experiência, através da reflexão individual a partir das atividades e das práticas teóricas desenvolvidas em classe e das experiências obtidas nas escolas-campo. Os resultados obtidos a partir das vivências da acadêmica levaram a reflexão das práticas de ensino e ao aperfeiçoamento da identidade profissional do aluno. As reflexões das vivências aqui relatadas levaram a acadêmica a valorizar esta etapa da sua formação, enaltecendo cada fase, desde a observação até a regência, re(criando) seus valores, trabalhando o lúdico, aprendendo a planejar suas aulas e abordando as práticas.

Palavras-chave: Experiência, Didática, Alunos.

ABSTRACT

The supervised training is the stage graduation the student fits into the school routine, makes the rounds of a teacher, notes and do the methodologies experienced graduation. Understanding the traineeship as a time for a process of teaching and learning is to recognize that, despite the training provided in the classroom is important, it alone is not enough to train and prepare students for the full exercise of their profession. The inclusion in the reality of daily school to learn the practice of teaching professionals is needed. The methodology used in this article was based on the experience report, through the reflection of academic itself, from the activities and theoretical practices developed in class and the experiences gained in schools-field. The results obtained from the private experiences have led to reflection on the teaching practices and the improvement of the student's professional identity. The reflections of the experiences reported here led to the academic value this stage of their training, extolling every stage from the observation to the regency, re (creating) their values, working the playful, learning to plan their lessons and addressing the practice.

Keywords: Experience, Teaching, Students.

1. INTRODUÇÃO

Corresponder as reais necessidades apresentadas pelo cotidiano escolar contemporâneo é um desafio que se coloca a qualquer atividade

profissional docente que, atualmente, ultrapassa a prática de aplicar uma teoria aprendida ou repetir procedimentos e/ou metodologias utilizadas em outros contextos anteriores. Partindo da premissa de

que a dimensão prática deve ser considerada na formação inicial de professores, entendemos que o estágio curricular, se bem fundamentado, estruturado e orientado, configura-se como um momento relevante na perspectiva curricular do processo de formação prática dos futuros docentes [1].

Ao tratar da formação dos professores para a educação Básica, [2] constata uma distância ente os processos de formação inicial dos professores e a realidade encontrada nas escolas, e chama a atenção para um problema que há tempos se instaura nesse processo no que diz respeito à relação entre a teoria estudada nas Universidades e a prática desenvolvida no ambiente profissional, entre a formação e o trabalho. Para ela, a formação docente não se constrói apenas por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de uma (re)construção permanente de uma identidade pessoal [2].

Segundo [3], afirma que essas características de mobilidade, de trânsito, não somente entre dois espaços físicos, mas também entre as concepções, ideias, experiências e desafios vivenciados nesses dois campos, favorece a construção significativa de aprendizagens tanto para os alunos, quanto para o professor que atua nas escolas-campo, como também, para o professor formador.

É pensando na importância e seriedade do estágio curricular, enquanto elemento fundamental da formação prática dos professores, que se busca no curso de licenciatura da Faculdade São Lucas, considerar o Estágio Curricular em integração com

as demais disciplinas do curso, com a possibilidade de articular situação de formação e situação de trabalho, a partir de concepções que ultrapassam as dimensões técnicas momentâneas e pontuais, privilegie a análise, a atuação, a reflexão crítica, em favor de uma formação e futura atuação profissional, numa perspectiva de emancipar conhecimentos.

[2] Assinala que, uma das demandas importantes dos anos noventa, em relação à atividade docente, é, justamente, repensar a formação inicial e continuada dos professores, a partir da análise das práticas pedagógicas docentes, ou seja, o cotidiano escolar.

Desconsiderar essa dimensão da formação, ou mesmo relegar a um segundo plano, é desacreditar na possibilidade de que o processo da formação inicial possa ser um espaço fértil e fecundo para unir saberes e fazeres, de forma reflexiva e instrumentalizar cada vez mais o educador como leitor e construtor da sua prática, da sua ação [4].

Segundo [5], a prática sempre esteve presente na formação do professor, seja pela observação, imitação de bons modelos ou participação em contextos escolares.

[6] apresenta três concepções de prática. A primeira que considera a prática enquanto arte; a segunda, enquanto técnica; e, finalmente a terceira concepção, que considera a prática educativa enquanto interação, que privilegia o desenvolvimento de uma consciência profundamente social, uma vez que os educadores, em sua ação, não trabalham com coisas e nem com

objetos, mas com seus semelhantes dotados, também, de liberdade.

Na mesma linha de pensamento, [7] afirma que a prática pedagógica é uma rede viva de troca, criação e transformação de significados, ou seja, a prática pedagógica de um professor deve ser capaz de orientar, preparar, motivar e efetivar, por um lado, as trocas entre os alunos e o conhecimento científico, de modo que esses construam os seus significados. Por outro lado, a prática do professor deve favorecer as trocas das elaborações construídas no próprio grupo a fim de que compartilhem seus conhecimentos.

Entender a prática como práxis é assumir a indissolubilidade entre a teoria e a prática. Ou seja, é compreender que na mesma atividade, coexistem as dimensões teóricas e prática da realidade na qual o professor identifica a sua identidade a partir de um movimento de alternância, que se constroi entre o saber e o saber fazer, entre situação de formação e situação de trabalho [8].

Compreender o estágio curricular como um tempo destinado a um processo de ensino e de aprendizagem é reconhecer que, apesar da formação oferecida em sala de aula ser fundamental, só ela não é suficiente para formar e preparar os alunos para o pleno exercício de sua profissão. Faz-se necessária a inserção na realidade do cotidiano escolar para aprender com a prática dos profissionais da docência [3].

É nessa visão de unidade entre a formação e o trabalho, que se instaura o início da formação prática do futuro professor na possibilidade de edificar a sua identidade a partir de um conceito de

alternância que se concretiza à medida que, no período de formação, é possível transitar a partir do estágio curricular, por entre dois espaços fisicamente distintos e delimitados: as universidades e as escolas de educação básica [9].

Pensar o estágio nessa dimensão é concebê-lo como pesquisa, como um campo de conhecimento a ser investigado. É assumi-lo, também, como um espaço fundamental para a formação prática daqueles que, estando no processo de formação inicial, interagem com a complexa realidade da sala de aula, refletem sobre as ações desenvolvidas nesse espaço, e configuram sua maneira própria de agir profissionalmente [5].

Independentemente das modalidades que o estágio possa ser desenvolvido (observação, participação, regência, entre outras), a proposta contempla a sugestão de, num primeiro momento, identificar nas escolas-campo, situações-problema e, num segundo momento, torná-las objetos de análise e discussão, por meio de um constante exercício de reflexão-ação-reflexão da relação teoria e prática, formação e trabalho [1].

O cotidiano de sala de aula caracteriza-se como fonte inesgotável de conhecimentos, sendo desta fonte que deverão ser retirados os elementos teóricos que permitam compreender e direcionar uma ação consciente que procure superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do papel do professor, no sentido de apropriar-se de um “fazer” e de um “saber fazer” adequados a um momento que vive a escola atual [10].

No entender de [11], disciplinas e práticas não estão colocadas, hierarquicamente, umas sobre as outras, pelo contrário, devem manter uma relação de complementaridade nas suas funções específicas no interior do curso de formação de professores. Confirmando a relevância do estágio como “lôcus de formação, aprendizagem, partilha e experiências” [11], entre os professores e os alunos que realizam os estágios, a autora afirma a necessidade de estabelecer uma parceria produtiva entre o estudante e os profissionais experientes.

Contudo, estabelecer tal parceria com os profissionais das escolas-campo é uma situação delicada e conflituosa na realização dos estágios, uma vez que a relação entre professores e estagiários ainda não é vista como uma situação de complementaridade, de interdependência entre os indivíduos envolvidos no processo para construção do conhecimento. Muito pelo contrário, essa relação ainda é marcada por inúmeras situações constrangedoras em que o estagiário é visto como aquele que está para “julgar” uma prática pedagógica profissional alheia. Sobretudo, porque a escola, principalmente a pública, apresenta-se tão vulnerável, fragilizada, insegura, que qualquer aproximação externa pode desencadear situações “mal-entendidas”.

O convite feito aos estagiários é que desenvolvam um olhar crítico sobre a realidade que vivenciam no cotidiano escolar. Ou seja, que façam, em seu processo de formação, o exercício da práxis a partir da realidade do trabalho educativo contextualizado, a fim de que essa prática se torne

constante por ocasião do seu exercício profissional [12].

O desenvolvimento deste olhar crítico, enquanto contribuição da experiência do estágio, longe de se instaurar na dimensão dos relatos que permeiam aspectos comportamentais dos profissionais que atuam em sala de aula, deve se estabelecer como tentativa de favorecer um olhar mais amplo sobre a realidade escolar, com o intuito de compreendê-la, não só a partir de uma determinada teoria, mas a partir das relações possíveis de serem estabelecidas entre teoria e prática, tendo em vista a sua futura atuação profissional [13].

Segundo [14], o estágio se constitui em um espaço de aprendizagens e de saberes de forma a ultrapassar as questões burocráticas da disciplina, como preenchimento de fichas e cumprimento de carga horária, e as recorrentes atividades relacionadas com observação e regência em sala de aula. Segundo as autoras, a formação inicial e o estágio devem pautar-se pela investigação da realidade, por uma prática intencional, de modo que as ações sejam marcadas por processos reflexivos entre professores-formadores e os futuros professores, ao examinarem, questionarem e avaliarem criticamente o seu fazer, o seu pensar e a sua prática.

A escola é considerada um ambiente complexo, além de ter que lidar com essa complexidade, o professor de Ciências ainda enfrenta barreiras ao transmitir o conteúdo da disciplina, muitas vezes de forma tradicional, onde vários conteúdos abstratos são de difícil

compreensão, em sua maioria as escolas da rede pública não oferecem ao professor de ciências os meios didáticos para que ele desenvolva os conteúdos da melhor forma. Também deve ser levada em consideração que aprender a ensinar é uma tarefa que deverá ser estendida durante toda a vida dos professores e, não somente nos poucos anos de sua formação inicial. Aprender a ensinar também pode ser considerado como um sinônimo de ajustes, ou checagem radical, dentre outros fatores, no sistema de crenças educacionais dos futuros professores.

1.1 DA LEGISLAÇÃO PARA O ESTÁGIO

A partir do Parecer CNE/CP 9/2001 [15], do Conselho Nacional de Educação, aprovado em 08 de maio de 2001, surge as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura e de graduação plena, Resolução CNE/CP 1/2002. Essa lei é definida como um “conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da educação básica” [15].

Entre alguns pontos da Resolução, o artigo 13 mostra que a coordenação da prática estará presente não só nas disciplinas de estágio, mas articulada em diferentes práticas de forma interdisciplinar. No inciso primeiro desse artigo, “a prática será desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o

registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema” [15] e o inciso segundo, “a presença da prática profissional na formação do professor, que não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação [...]” [15].

No que diz respeito ao estágio, o inciso terceiro aponta que o estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em escola de educação básica, e respeitando o regime de colaboração entre sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e a escola campo de estágio, enfatizando a flexibilidade necessária, de modo que cada instituição formadora construa projetos inovadores e próprios [15].

A Faculdade São Lucas possui um regimento pontuando normas e detalhando conceitos, estabelecendo responsabilidades, caracterizando a operacionalização do estágio e os padrões de desempenho esperados. O que proporciona a docentes e discentes condições de formalizar e embasar o trabalho acadêmico. Dentre as especificações vale ressaltar os benefícios que o aluno estagiário possui, valorizando o aperfeiçoamento das deficiências que o estagiário pode apresentar e permitindo que ele adquira uma atitude de trabalho sistematizada, desenvolvendo a consciência de produtividade, o trabalho em grupo e a cooperação [16].

A normatização vem enumerando todas as etapas necessárias para iniciar-se o estágio supervisionado, das orientações, supervisões,

acompanhamentos, documentações e avaliações do estágio. Com isso, este artigo aborda um relato de caso sobre o estágio supervisionado em Ciências Naturais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A metodologia de trabalho utilizada no presente artigo foi baseada no relato de experiência, através da reflexão individual, a partir das atividades e das práticas teóricas desenvolvidas em classe e das experiências obtidas nas escolas-campo, conforme [17], [18] e [19]. Com a exigência de uma carga horária total de 280 horas distribuídas em três disciplinas, cada qual com seu objetivo, o estágio supervisionado pôde ocorrer tanto nas redes de ensino públicas como nas particulares. Teve como objetivo levar o acadêmico à reflexão e à crítica, servindo também como um norteador para levar o aluno estagiário a superar seus limites e estar pronto para os enfrentamentos dos novos desafios, através da observação e prática de ensino, absorver a real vivência do dia-a-dia escolar, das práticas dos professores e das rotinas de boas práticas de sala de aula, possibilitando ainda o exercício da convivência e favorecendo o desenvolvimento das relações interpessoais.

2.2 AS FASES DO ESTÁGIO

Os estágios supervisionados em Ensino Fundamental foram divididos em três etapas, que foram da observação e caracterização das escolas-campo, à atuação do acadêmico em sala de aula

seguindo instrumentos de ficha de frequência, ficha de observação das aulas, ficha de inscrição do estágio e ficha de avaliação da microaula. Foram divididos nas disciplinas de Estágio em Ciências Naturais I, II e III, com o acompanhamento do Docente da disciplina, utilizando-se também de literaturas voltadas para o tema dando suporte para o conteúdo disciplinar, buscando a integração das teorias estudadas com a prática pedagógica.

A primeira fase foi a de observação, com uma carga horária de 80 horas, o estágio foi realizado em dupla, na escola Estadual de Ensino Fundamental Estudo e Trabalho em Porto Velho-RO, no período matutino. Com supervisão e orientação do docente da disciplina, o acadêmico teve por objetivo se inserir na rotina escolar, acompanhando o professor nas aulas de ciências e observar suas práticas de ensino, registrando o fluxo das ações didáticas e interações pessoais para posterior reflexão sobre a ação pedagógica, contemplando a realidade que encontramos nas escolas. A observação ocorreu em turmas de sexto a nono anos, com uma média de vinte e sete alunos por turma, sendo três turmas de sexto ano, duas turmas de sétimo ano, três turmas de oitavo ano e duas turmas de nono ano.

Durante o período de observação, realizou-se o preenchimento de um relatório com informações sobre a quantidade de alunos por turma, o conteúdo passado pelo professor, a postura da turma, os materiais que o professor utilizava durante suas aulas, os recursos didáticos de que a escola dispunha. As observações necessitaram de poucos materiais, somente as fichas de observação,

que já eram padronizadas pelo docente orientador da disciplina em um instrumental, entregue ao orientador ao término do estágio supervisionado.

A segunda fase do estágio supervisionado veio com a disciplina de Estágio em Ciências Naturais II, com uma carga horária de 120 horas, os acadêmicos tinham como objetivo a criação e montagem de um Sarau da Biologia. Dois grupos de acadêmicos cada qual com um tema transversal a ser desenvolvido dentro da área de Ciências Naturais, com metodologia e linguagem voltadas para o entendimento de alunos do Ensino Fundamental. O Sarau é uma manifestação artística cultural dinâmica, mas quando usado com o intuito de transmitir conteúdos, se torna uma ótima ferramenta de ensino, utilizando uma metodologia lúdica, atrativa e diferenciada da rotina de sala de aula, este tipo de metodologia oferece também ao docente, novas formas de ensinar, criando uma linguagem de fácil entendimento.

Esta segunda fase do estágio supervisionado foi dividida em duas etapas, o primeiro momento com uma apresentação para os acadêmicos da Faculdade São Lucas e o segundo momento com a apresentação para os alunos do oitavo e nono ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental Araújo Lima, em Porto Velho-RO.

Durante o desenvolvimento da disciplina os acadêmicos foram divididos em três grupos e cada um recebeu um tema, que serviu como norteador para se elaborar uma peça teatral. Os temas abordados pelos grupos foram “Terra e Universo”- onde se tratava a importância da conservação ambiental, “Vida e Ambiente” e “Ser Humano e

Saúde”, focando nos cuidados e prevenções no combate à dengue na sociedade. Os acadêmicos tiveram cerca de dois meses antes das apresentações para se organizar com o desenvolvimento do teatro, criação de cenários, roupas, iluminação, e toda a organização do evento na faculdade e na escola-campo, todo o processo teve o acompanhamento e apoio do Docente responsável pela disciplina.

A terceira fase do estágio foi à regência em turmas de Ensino Fundamental no segundo segmento, com a carga horária de 80 horas, o acadêmico tem por objetivo desenvolver os temas de cada ano de ensino montando o planejamento das aulas e aplicando-os na escola-campo. A regência foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Heloísa Bentes Ramos, Porto Velho-RO. As aulas foram planejadas de forma dinâmica e com base nos livros didáticos cedidos pela escola-campo, todas as aulas tiveram materiais didáticos para melhor compreensão dos temas abordados, os materiais didáticos foram cedidos pelo laboratório de zoologia da acadêmica, como poríferos, aracnídeos e serpentes, alguns dos materiais didáticos também utilizados foram de criação da própria acadêmica como, insetários e terráreos.

A acadêmica foi avaliada durante todas as aulas de regência pela professora titular da disciplina de Ciências Naturais da escola-campo a partir de um instrumental padronizado, com questões que iam desde a postura da acadêmica em sala de aula, seu domínio de turma e de conteúdo e dos recursos didáticos utilizados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo o Estágio Supervisionado uma exigência da LDB [20], nos cursos de formação de docentes, suas bases normativas proporcionam ao acadêmico toda a estrutura necessária, embasando desde a teoria, juntamente com as práticas de ensino, até a aplicação prática destes conceitos adquiridos durante o processo de formação. Considerando os aspectos de um sistema tão amplo e diverso como a rotina de sala de aula, essa imersão traz à tona a problemática da educação no Brasil. É no Estágio Supervisionado que o acadêmico consegue refletir sobre questões já discutidas em aulas teóricas e por em prática suas técnicas diante de situações-problema.

Antes do acadêmico-estagiário partir para as escolas-campo, na sala de aula da faculdade foram realizadas leituras, discussões e reflexões sobre o estágio, suas práticas e influências na vida acadêmica e futuramente profissional do licenciando em Ciências.

Já em campo, durante a primeira fase de estágio, notou-se uma grande expectativa por parte do acadêmico estagiário. Essa expectativa contribuiu de forma positiva, estabelecendo uma relação de parcimônia do acadêmico com os fatores negativos que viessem a ocorrer durante o estágio de observação. Notou-se também inquietude por parte do Professor regente da escola-campo, devido ao mau comportamento dos alunos e nos momentos de maior agitação da turma.

Diante disso, podemos relacionar as problemáticas encontradas durante o percurso de estágio supervisionado dividindo-as em duas

dimensões, institucionais e individuais. As dimensões estão relacionadas tanto nos aspectos internos quanto externos do processo de formação. Partindo do âmbito interno, não se encontraram dificuldades por parte do acadêmico, uma vez que a faculdade oferece todo o suporte teórico necessário para se iniciar o estágio supervisionado.

Já no âmbito externo, relacionado à escola campo, durante a primeira e terceira fase do estágio, onde o acadêmico deveria buscar uma escola para servir de campo prático, encontrou-se uma limitação por parte das escolas-campo para a aceitação do estagiário, em algumas escolas não aceitavam o estagiário com a justificativa de que já existiam muitos acadêmicos, em outras era necessário autorização do professor regente de Ciências Naturais, ocorrendo de alguns não abrirem espaço para o estagiário, esses momentos foram de grande frustração e estresse para os acadêmicos, pois o prazo para o término do estágio é corrido e alguns dispunham de pouco tempo para o desenvolvimento do estágio.

Segundo [21], “Observação não consiste apenas no conhecimento da estrutura e funcionamento dos processos reais de ensino-aprendizagem, isto é, dos processos que já existem, mas também no estudo das possibilidades de estruturação e funcionamento de novas possibilidades (de ensinar e aprender) docentes”.

Foi o que podemos refletir com a fase da observação, o objetivo não era estarmos ali, passivos, somente para observar as atitudes do professor, seu método de ensino, sendo apenas cópias do que foi visto, mas sim para, a partir destas

atitudes, podermos elaborar nossa própria identidade profissional, buscando a partir dos exemplos observados, aprimorarmos as técnicas e metodologias para estarmos prontos no momento da fase profissional.

Durante a segunda fase de estágio curricular, onde se desenvolvia o Sarau, a dificuldade encontrada foi o momento de aplicação do teatro na escola-campo, por não conhecermos o espaço que iríamos utilizar, e qual o ritmo de alunos iríamos encontrar, percebemos que eles não absorveram o assunto como era o esperado, surgiram muitas dúvidas sobre o teatro e tivemos que fazer uma explicação oral para os alunos, essa talvez tenha sido a fase mais difícil desta etapa.

Durante todas as fases de estágio, os acadêmicos se apresentavam em dupla, o que foi uma grande vantagem, pois serviu de suporte e segurança psicológica para os estagiários, quando surgiram momentos de dificuldades ou por falta de experiência em controlar uma turma mais agitada ou desenvolver uma temática mais complexa.

Como aponta [22], a educação lúdica deve possibilitar ao futuro educador conhecer-se como pessoa, saber de suas resistências e ter uma visão clara sobre importância da brincadeira para a vida da criança, do jovem e do adulto. Por meio de sua prática, o professor que conseguir interagir com o aluno de modo divertido conseguirá melhores resultados de aprendizagem. “O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização,

comunicação, expressão e construção do conhecimento”.

Desta forma o Sarau, desenvolvido como metodologia de ensino, mostra ao acadêmico um novo prisma sobre o “ato de educar”, ele fornece ao estagiário, apesar das dificuldades, um amplo leque de formas de trabalho onde pode superar as dificuldades de aprendizado para atingir melhores resultados em seu objetivo final, além de ensinar aos alunos a trabalhar em grupo, lidar com situações de estresse, prepara o indivíduo para lidar com situações problema do seu cotidiano.

Uma situação observada pelos acadêmicos estagiários nas escolas campo foi à falta de interesse dos professores regentes, na maioria das vezes ele não se percebe como parte integrante desse processo formador, ele cede suas aulas para o estagiário e se abdica de participar deste meio, da elaboração das atividades e do processo de ensino, abrindo mão de sua responsabilidade perante a turma e de ser parte integrante na formação do acadêmico. Percebeu-se que o professor regente não valorizava este momento da troca de experiências, ele somente cede um espaço sem dar a valorização necessária para este momento, que deveria ser de troca, seja de informações ou de experiências. Este momento deveria ter por finalidade dar a oportunidade de o professor regente também ser parte integrante do processo educativo, dando suporte e apoio ao estagiário.

Um ponto importante a ser ressaltado durante o processo formador foi à interdisciplinaridade com as demais disciplinas, principalmente as de prática de ensino, que dão um

suporte teórico-prático ao acadêmico, fornecendo metodologias, reflexões, ideais, saberes e pilares a serem seguidos nos estágios curriculares.

Segundo [23], percebe-se que o planejamento é fundamental na vida do homem, porém no contexto escolar ele não tem tanta importância assim, “o planejamento no contexto escolar não parece ter a importância que deveria ter”. Ainda segundo ele, planejar é organizar ações. Essa é uma definição simples, mas que mostra uma dimensão da importância do ato de planejar, uma vez que o planejamento deve existir para facilitar o trabalho tanto do professor como do aluno. O planejamento deve ser uma organização das ideias e informações.

Durante a fase de regência do estágio, podemos perceber, ao contrário do que propõe [23], a importância do planejamento das aulas, principalmente devido ao pouco tempo de duração dos tempos das aulas, se não organizarmos os conteúdos, os materiais didáticos que são utilizados, as atividades que se propõe fazer, o resultado não será o esperado e talvez o aluno não consiga atingir o objetivo esperado, como percebemos na citação de [24], “Planejamento é um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação”.

“O preparo das aulas é uma das atividades mais importantes do trabalho do profissional de educação escolar. Nada substitui a tarefa de preparação da aula em si. (...) faz parte da

competência teórica do professor, e dos compromissos com a democratização do ensino, a tarefa cotidiana de preparar suas aulas (...)” [25].

A formação de professores ocupa um lugar central neste debate, que só se pode travar a partir de uma determinada visão da profissão docente. É preciso reconhecer as deficiências científicas e a pobreza conceitual dos programas atuais de formação de professores. É situar nossa reflexão para além das clivagens tradicionais (componente científico x componente pedagógica, disciplinas teóricas x disciplinas metodológicas) sugerindo novas maneiras de pensar a problemática da formação de professores [26].

4. CONCLUSÃO

Formar um professor, dialeticamente, significa enxergar os limites e as possibilidades que fazem parte do trabalho pedagógico, diante das dificuldades advindas das transformações sociais. Pensar na qualidade da formação através do prisma epistemológico é o principal passo para o aperfeiçoamento pessoal e profissional de professores e acadêmicos.

O estágio curricular, enquanto disciplina nos cursos de formação acadêmica, juntamente com as disciplinas de prática de ensino e das didáticas, tornou-se um momento rico na formação do aluno, pois possibilitou o contato direto com a realidade escolar e as dificuldades encontradas em sala de aula.

Os exemplos vistos nas escolas-campo serviram para demonstrar, em sua maioria, aquilo que não queremos ou não devemos seguir. Se nos

deixarmos levar pelas primeiras impressões vistas nas escolas-campo, com certeza não se teria chegado até aqui. As aprendizagens teóricas e práticas levaram o estagiário a refazer continuamente sua prática e a descobrir novas formas de conviver com os desafios dos componentes curriculares, as atividades lúdicas, a descoberta do novo, do diferente, de que pode se ir muito além da lousa e do pincel, alcançar novos horizontes através da criatividade, de que a falta de um laboratório de ciências não pode impedir que esse conhecimento chegue até seu aluno, a dialogar com os sujeitos envolvidos no processo de formação, formando assim sua própria identidade profissional.

Das propostas que se podem seguir, apresento apenas uma, em relação á busca pelas escolas-campo, a grande dificuldade que a maior parte dos estagiários tem para encontrar um campo, seja pela incompatibilidade de horários, seja pela distância das escolas, que talvez se faça um convênio com as unidades de ensino para facilitar essa busca e diminuir as frustrações durante esse processo.

Das contribuições para a sociedade que o presente artigo se dispõe pontuamos, a constante necessidade de se (re)pensar a educação, e o compromisso em todas as esferas envolvidas durante o Estágio Supervisionado, Universidade, escola-campo, aluno estagiário, professores, não só nas Ciências Naturais, mas em todas as matérias que envolvem Licenciatura e Magistério, em fazer do estágio supervisionado um momento de reflexão constante e de crescimento e aperfeiçoamento das

práticas de ensino para todos os envolvidos neste processo.

As reflexões apresentadas aqui procuram perceber e valorizar, entre o escrito e o vivido, soluções para as problemáticas encontradas na rotina de sala de aula, enaltecer o bom trabalho da instituição de ensino, dando o suporte para o docente obter o melhor de seu acadêmico, oferecendo a ele uma imersão nos textos e literaturas pedagógicas levando-os a uma reflexão do real saber e do real fazer, de que a busca pelo conhecimento e da reflexão na educação não cessa.

5. REFERÊNCIAS

- [1] FELÍCIO, H.M.S.; OLIVEIRA, R.A. A formação prática de professores no estágio curricular. **Revista Educar**, n.32, p.215-232, 2008.
- [2] PIMENTA, S.G. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- [3] CANÁRIO, R. **A prática profissional na formação de professores**. Porto: Porto Editora, 2001.
- [4] OLIVEIRA, R.A. **Arquitetura da criação docente: A aula como ato criador**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- [5] LIMA, M.S.L. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- [6] TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- [7] GÓMEZ, A.I.P.; SACRISTÁN, J.G. **Comprender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

- [8] SANTOS, H.M. **O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.
- [9] MALGLAIVE, G. **Formação e saberes profissionais: entre a teoria e a prática.** Porto: Porto Editora, 1997.
- [10] ALMEIDA, J.S. Estágio Supervisionado em prática de ensino – relevância para a formação ou mera atividade curricular. **Revista ANDE**, v. 13, n.20, 1994.
- [11] CASTRO, A.D. **Articulação da Prática de Ensino com as Matérias Pedagógicas.** São Paulo, EDUC, 1989.
- [12] LIMA, M.S.L. **O Estágio Supervisionado como elemento mediador entre a formação inicial do professor e a educação continuada.** Dissertação de Mestrado, Fortaleza: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, 1995.
- [13] DONATONI, A.R. **A Formação Geral e os Estágios nas Habilitações Específicas de 2º grau para o Magistério** – Araçatuba. Dissertação de Mestrado, São Paulo: PUC/SP, 1991.
- [14] BARREIRO, I.M.F.; GEBRAN, R.A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores.** São Paulo: Avercamp, 2006.
- [15] BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Formação de Professores da Educação Básica, em Nível Superior, curso de licenciatura, graduação plena.** PARECER CNE/CP 009/2001. Brasília, DF. Maio de 2001.
- [16] NORMAS PARA ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA FACULDADE SÃO LUCAS.
- [17] DINIZ, B. Relato de experiência a educação ambiental na formação de professores. **Revista Simbio-Logias**. v.1, n.2, 2008.
- [18] JUNIOR, C.A.N.; SANTOS, L.M.; CARVALHO, M.S.I. Um relato de experiência no curso de Biologia EAD. **Revista da Rede de Ensino**, v. 5. n. 12, 2007.
- [19] MARTINS J.S. **Projeto de Pesquisa: Estratégias de Ensino e Aprendizagem em sala de aula.** Campinas: Autores Associados, 2005.
- [20] **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. LDB 9394/96;** 1996.
- [21] CONTRERAZ DOMINGO, J.E. **Curriculum y profesorado: Introducción crítica a la didáctica.** Madrid; Akal. 1990.
- [22] SANTOS, S.M.P.; CRUZ, D.R.M. **O lúdico na formação do educador.** In: 5.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- [23] MORETTO, V.P. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- [24] MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I.M. **Por que planejar? Como planejar?.** 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- [25] FUSARI, J.C. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas.** Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p044-053_c.pdf. Acesso em 27/10/2015.
- [26] BRASIL, **Diretrizes curriculares Nacionais para Formação Inicial em Nível Superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para Formação Continuada.** PARECER CNE/CP 002/2015. Brasília, DF. Julho de 2015.